

Marcílio Godói. *Frágil recompensa*. São Paulo: Editora Sagüi, 2018. 223 p.

Frágil Recompensa é um livro enganosamente singelo. Marcílio Godói enfrenta nele desafios literários arriscadíssimos com coragem e sizo, percorrendo com fluidez e segurança percursos sinuosos pelos quais muitos outros escritores de renome já derraparam inapelavelmente. Para entender melhor as qualidades desse livro aparentemente simples proponho revisitar brevemente esses complexos desafios e as soluções encontradas pelo autor para eles.

O primeiro desafio é uma obsessão particularmente brasileira: como escorar a prosa literária refinada no vernáculo? Parece uma ótima ideia, já que aqui se trata de um falar tão rico em léxico e sintaxe como os vários aparentados vernáculos mineiros, e mais ainda quando Godói demonstra conhecer essa tradição por dentro, tendo ela impressa em sua própria carne desde a primeira infância. Mas não é uma escolha fácil. É forte a tradição do uso de representações do vernáculo como recurso cômico tanto na literatura como nas artes dramáticas, e há sempre o risco do desvio do gracioso para o engraçadinho num campo empobrecido pela “plaina tola dos clichês que desgasta o que temos de melhor” (182). Godói não tenta imitar, mas sim interpretar a sua maneira o vernáculo mineiro, apoiando essa sua interpretação num sutil “ponto de escuta” afetivo. Vários textos de *Frágil Recompensa* meditam sobre a questão, e Godói evoca poeticamente a verve sutil e irônica de seu próprio pai interiorano como sua “biblioteca sem livros”: “eu descendo da linguagem do meu pai e, naturalmente, de sua hábil voz de contador de história” (68). Recomendo para melhor deleite de *Frágil Recompensa* a leitura em voz alta dessa prosa talhada com um instrumento literário afiadíssimo, onde “o silêncio é o que marca e rege a sinfonia” (71).

Além da linguagem, temos o desafio do gênero também tipicamente brasileiro que o subtítulo “crônicas memorialísticas” explicita. A crônica em si já é bastante capciosa por causa da sua pretensa facilidade que é puro artifício retórico. Quando bem executada, a crônica oculta habilmente o trabalho de artesanato retórico, poético e narrativo numa comunicação franca e direta com (e eis aí outra figura retórica traçoeira) o seu “leitor amigo”. *Frágil Recompensa* explora com sucesso as várias facetas da crônica numa sucessão variada de evocações líricas, pequenas peças cômicas, poemas em prosa, narrativas curtas e pequenos ensaios em tom de conversa relaxada. O extraordinário é que tanta variedade não fez do livro de Godói uma simples reunião de textos avulsos, como acontece com muitas outras coleções de crônicas. *Frágil Recompensa* tem tanta coesão que pode ser lido como uma espécie de romance autobiográfico, tecendo sutilmente uma teia de memórias fragmentadas da infância e da família.

Isso nos leva ao outro desafio a que o subtítulo da obra aponta: a escrita memorialística, obsessão da modernidade que já nos rendeu sabe-se lá quantos clássicos desde as *Confissões* de Rousseau até os *Boitempo* de Drummond. A escrita centrada na memória traz riscos de outra natureza. Como são muitos os caminhos bem trilhados e mapeados nessa seara tão visitada, é comum cair na mera repetição redundante ou, tentando fugir dela, adotar apressadamente soluções experimentais que pecam pela sua gratuidade – constituindo-se em meros gestos vazios de uma inovação que se esgota rapidamente em si mesma. Podemos então voltar à coesão, que a fragmentação da crônica sugere mais do que afirma. Godói nos oferece, em fragmentos espalhados em ordem não-cronológica, desde um dramático parto do narrador de “Menino malunguinho” (155-158), que vem ao mundo acompanhado por um duplo escatológico até o opúsculo dos pais, as duas grandes personagens do livro. O pai é elo vivo entre a Minas rural e Belo Horizonte (esse imenso aglomerado de bairros que se constituem como cidades do interior) e, assombrado por um infarto precoce, “chegou aos noventa e um, alternando os altos postos de fiscal da alvorada, coordenador de acasos e zelador de crepúsculos” (135). A mãe, “humana-toda-vazada-de-amor-à-vida”, guarda para si a sentença de morte de seu médico e vai “erguendo um rosário de pequenas histórias particulares com cada um de nós” (170). As crônicas memorialísticas

ganham sentido de conjunto também por estarem marcadas por um sentimento que ganha energia vital por ter sido provocado por uma condição concreta. *Frágil Recompensa* é obra de um desses milhares (serão milhões?) de mineiros que, em busca de oportunidades melhores, saíram de Minas Gerais sem que Minas Gerais saísse deles. *Frágil Recompensa* está imerso do começo ao fim nessa saudade, outra facilidade traiçoeira onde afundaram e afundam tantos outros escritores do nosso idioma, alguns até de renome. Esse estado de espírito que dizem ser tão próprio de nossa língua nos convida com as suas curvas ensaboadas a derrapar no sentimentalismo nostálgico ou até mesmo piegas. Godoi é de novo franco e corajoso: admite sem disfarces que arde de saudades dos pais, da casa no bairro da Floresta e da infância de caçula de família grande e remediada. Essa saudade sem disfarces inspira uma série de evocações líricas, mas também uma recuperação cuidadosa de momentos e lugares cruciais que definem as personagens principais com nitidez. A atenção amorosa da voz narrativa se concentra não apenas na infância, mas também nos contatos entabulados depois da ida para São Paulo em visitas regulares, por carta ou por telefone. Do contraste entre esses dois momentos (a infância em casa e a vida adulta na diáspora) encharcados de saudade vem a força da grande maioria das histórias de *Frágil Recompensa*.

Finalmente Marcílio Godoi ousa ser francamente terno em tempos de culto à agressividade literária. Não espere platitudes de best-sellers de autoajuda, pois o autor não pertence definitivamente à legião de profetas do óbvio. Mas ainda que sem condescendências, não há nesse livro nada que possa evocar esse lugar comum da resenha de jornal: o orgulhoso “soco no estômago” do leitor. Este não encontrará aquela estridência cansativa que quer se passar por espírito crítico nem a sordidez explorada na crença de que esta é mais real que as outras facetas desse animal complexo chamado ser humano. Nessa quietude suave encontramos agudas observações sobre os efeitos perversos da longa ditadura civil-militar nas relações diárias entre cidadãos comuns, aparentemente de todo removidos da política. Veja, por exemplo, o episódio em que duas crianças são relutantemente convocadas a travar um duelo para lavar a honra alheia:

[...] chegar em casa com marca de surra era apanhar dobrado, dessa vez, de nossos pais, loucos para fazer com alguém mais fraco o que a vida tão dura então lhes fazia. Afinal, todos pensávamos o mundo como uma grande e natural corrente de iniquidades. Nem era preciso saber porque se batia, pois o agredido certamente sabia porque apanhava. E se, por acaso, a culpa fosse minha, eu também estaria livre para colocá-la em quem bem entendesse. Sutilmente ou não, o ânimo das arbitrariedades nacionais se derramava sobre todos os cidadãos (196).

Na simplicidade direta de *Frágil Recompensa* se revela aos que estejam dispostos a ver aquela inteligência crítica que faz da literatura uma aventura tão importante quanto outros gêneros da imaginação humana.

Paulo Moreira
University of Oklahoma